

REMINISCÊNCIAS CORNELIANAS

Roberto Machado Carvalho

A vida de Cornélio Pires é um poema de amor à sua terra e sua gente, bem como eloqüente prova do que pode realizar a persistência humana em busca de um ideal, a divulgação da cultura popular caipira de São Paulo. Na passagem do centenário de seu nascimento, vem à lembrança sua luta heróica contra um meio, quase sempre adverso, e suas conquistas na árdua batalha de oferecer um “lugar ao sol”, ao nosso sofrido homem do campo, o autêntico caipira e seu linguajar, seus usos e costumes.

Em maio de 1957, nove meses e meio antes do falecimento de Cornélio Pires, ocorrido em São Paulo aos 17 de fevereiro de 1958, fui conhecer — e nela permaneci por cinco anos — a terra natal do saudoso e incomparável poeta e prosador da paisagem rural paulista, a encantadora e hospitaleira cidade de TIETÊ, a velha Curuçá dos bandeirantes. Foi ali, bem pertinho do limite urbano, numa casa situada no sítio do Sapopema, bairro do Garcia, que nasceu, a 13 de julho de 1884, o fraternal amigo de nossa gente, simples e boa, dos sítios e fazendas. Próximo à minha residência da Rua Júlio dos Reis, centro da cidade, morava um professor de História do então Instituto de Educação Estadual “Plínio Rodrigues de Moraes” e que, nas horas disponíveis, lia e escrevia. Chamava-se Joffre Martins Veiga, professor, jornalista e escritor, natural do Recife, mas, radicado há muitos anos em Tietê. Falava constantemente, e com entusiasmo, num vate e prosador tietense que, havia alguns anos, voltara a residir em Tietê. Era Cornélio Pires. Gabava-se, então, de suas constantes entrevistas com o poeta. Além disso, era boa a documentação que possuía — após longas pesquisas — sobre o criador de Joaquim Bentinho. Vivia, por tudo isso, radiante com os originais que rascunhava. Pretendia escrever o primeiro livro biográfico sobre o famoso tietense. Percebia-se em Joffre um inconformado. Sim, inconformado pelo esquecimento que havia caído sobre a vasta produção corneliana, um total de vinte e três livros. Achava incrível que jornalistas e escritores, incluindo os folcloristas, com raras exceções, nem sequer citassem Cornélio Pires e sua farta contribuição ao conhecimento de nossa gente e nossa paisagem campestre. E, para firmar sua insatisfação, escreveu uma série de artigos com o título geral **Cornélio Pires, o escritor esquecido**. Levou-os à antiga e boa “A Gazeta” e ofereceu-os para publicação. Houve relutância. O editor considerou o título um tanto pesado e desagradável. Joffre insistiu. Afinal, conseguiu quebrar a resistência e os artigos, em estilo de reportagem, foram publicados nas edições de 31 de janeiro e primeiros dias de fevereiro de 1958. Assim, após muitos anos — o último livro de Cornélio tinha sido

editado em 1945 — aparecia, na imprensa paulistana, alguns dados sobre a vida e obra do escritor tieteense. Foi, nesse quadro, que nasceu o livro: **Antologia Caipira: prosa e poesia de Cornélio Pires** de Joffre Martins Veiga, Edições O Livreiro Ltda., São Paulo, 1960. Os direitos autorais da obra foram destinados à Sociedade Granja de Jesus de Tietê, entidade de assistência e amparo aos menores necessitados, cuja sede, fora construída em terreno doado por Cornélio, pouco antes de seu falecimento. Aliás, o único bem material deixado pelo escritor.

Na **Explicação** de seu livro pioneiro, datado de Tietê, setembro de 1959, escreveu Martins Veiga: “O objetivo desta coletânea é oferecer, aos leitores que desconhecem a obra do **mais popular escritor do passado**, pequena parcela daquilo que foi lido, com avidez, há quase trinta anos, por todo o Brasil” (o grifo é nosso). E, na ânsia de contribuir para a recuperação do longo tempo de esquecimento da vida e obra do poeta e prosador, lança, um primeiro estudo sistemático e sério, embora não definitivo, sobre o popular escritor das décadas de 20 e 30, intitulado **A Vida Pitoresca de Cornélio Pires**, Edições O Livreiro Ltda., 1961. Estava aberto o caminho para novas e esclarecedoras pesquisas sobre o autor de **Cenas e Paisagens de Minha Terra**.

De Tietê, a querida terra natal, partia um clamor pela restauração da memória cornelianiana. Além daquelas duas obras, os tieteenses e amigos da cidade trataram de conservar a casa onde nasceu o poeta, deram seu nome à uma praça e à Rodovia Tietê-Piracicaba, ergueram uma herma na Praça Dr. Elias Garcia, a principal da cidade, inaugurada em 1958, cumpriram dispositivo testamentário de Cornélio, construindo a Granja de Jesus, atual Casa dos Meninos, para abrigo e formação de menores órfãos e abandonados e organizaram, em julho de 1959, a primeira “Semana Cornélio Pires”. Todos esses eventos, noticiados largamente pela imprensa, tiveram, na época, repercussão nacional. Em “A Gazeta” e a propósito da herma, escreveu Rubens do Amaral que “Tietê resgatou sua dívida para com Cornélio Pires, erigindo, na praça pública, uma bela herma, em solenidade de que os leitores têm ampla notícia. Foi mais uma demonstração de que os paulistas pensam também nas letras e nas artes, rendendo preitos a patrícios ilustres que não foram poderosos na política ou na finança, mas fulgiram apenas pela luz de seu talento”. Não foi por outra razão que o venerando acadêmico Menotti Del Picchia, ao escrever sobre a Primeira Semana — e ele foi o conferencista na sessão de encerramento — enalteceu Tietê, lembrando que a cidade “tão genuinamente bandeirante — um templo de paulistanidade — foi berço de Cornélio e estabeleceu o culto de seu glorioso filho”. Justo e merecido elogio à cidade que restituía, aos paulistas, a figura ímpar e a obra perene de um de seus rebentos maiores — Cornélio Pires.

Desde a infância, Cornélio revelou gosto pelas coisas do campo. Menino peralta, passava os dias em correrias pelas margens do Tietê, caçando, brincando e entrando em contacto com o caboclo. Aprendeu as primeiras letras em Tietê. Depois, não frequentou nenhum curso regular. Vindo para São Paulo, com 17 anos, hospedou-se na pensão de sua tia Belisária à Rua da Quitanda. Logo começou a frequentar as rodas boêmias do Café Guarany, na Rua 15 de novembro, onde conheceu Monteiro Lobato, Ricardo Gonçalves, Godofredo Rangel e outros. Por intermédio de seu primo e amigo Amadeu Amaral, ingressou no jornalismo, trabalhando em "O Comércio de São Paulo", na "Tribuna de Santos" e em "O Estado de São Paulo". Seus "causos" e versos, de inspiração caipira, apreciados pela crítica, foram publicados em revistas e jornais do Rio de Janeiro e São Paulo. De 1910 a 1945, sua produção literária não cessou, alcançando vinte e um livros folclóricos e dois, de fundo espírita: **Musa Caipira** (1910), **Versos** (1912), **Versos Velhos** (1912), **Cenas e Paisagens de minha terra** (1912), **Monturo** (1915), **Quem Conta um Conto** (1919), **Conversas ao Pé do Fogo** (1921), **Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho, o Queima Campo** (1924), **Continuação das Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho** (1925), **Tragédia Cabocla** (1926), **Patacoadas** (1926), **Seleta Caipira** (1927), **Mixórdia** (1927), **Meu Samburá** (1928), **Sambas e Cateretês** (1932), **Tarrafadas** (1932), **Chorando e Rindo** (1933) **Só Rindo** (1934), **Quem Conta um Conto... e outros Contos** (1934), **Tá no Bocó** (1935), **Onde estás, Ó Morte!** (1944), **Coisas do Outro Mundo** (1944) e **Enciclopédia de Anedotas e Curiosidades** (1945).

Lamentavelmente, este primeiro centenário de nascimento de Cornélio Pires, embora comemorado, passará sob o signo de uma grande e imperdoável lacuna. Trata-se de uma surrada lembrança, isto é, a exigência da reedição das obras cornelianas, para não dizer da centena de discos e da restauração de dois filmes sobre suas viagens pelo País: **Brasil Pitoresco**, uma viagem ao Nordeste, realizada em 1923 e **Vamos Passear**, de 1934, focalizando cenas do folclore paulista. Afinal, a obra de Cornélio Pires identifica-se com a nossa cultura popular. Na verdade, não é possível estudar a história econômica, social e cultural de São Paulo, durante um largo período, sem abrir um capítulo sobre a linguagem, os usos, os costumes, as credences, as artes e o trabalho das populações rurais, formadoras da civilização caipira. E, sob esses aspectos, o conhecimento da obra de Cornélio Pires é fundamental.